

Trajетórias sócio-escolares na Educação de Jovens e Adultos: uma leitura na perspectiva de Bernard Lahire

Social-educational Trajectories in the Education for youth and adults program: an interpretation under the perspective of Bernard Lahire

Rosane NIENCHOTER¹
Gisela Eggert STEINDEL²

Resumo

Este estudo discute um perfil sociológico com base em narrativas obtidas por meio de uma entrevista semiestruturada, concedida por um aluno egresso da modalidade Educação para Jovens e Adultos (EJA) oferecida no município de Palhoça (SC). Com base na metodologia utilizada por Bernard Lahire buscou-se compreender como a EJA pode refletir nas trajetórias sociais de seus egressos (as). Como contraponto teórico utiliza-se os pressupostos de Pierre Bourdieu. Destaca-se que, a perspectiva de Lahire permite relativizar o sucesso ou o fracasso escolar entre as classes populares por contemplar em sua análise as diversas formas de socialização do sujeito.

Palavras-chave: EJA. Ensino Médio. Escolarização. Trajetórias.

Abstract

This study discusses a sociological profile based on narratives obtained through a semi-structured interview given by an ex student from the Education for youth and adults program (EJA) offered in the city of Palhoça (SC). Based on the methodology used by Bernard Lahire it was tried to understand how EJA may reflect the social trajectories of its graduates. As a theoretical counterpoint it was used Pierre Bourdieu's theory. It is noteworthy that Lahire's perspective allows relativize the success or failure in school between lower classes to contemplate in his analysis the various forms of socialization of the subject.

Keywords: Education for youth and adults program. High school. Schooling. Life trajectories.

1 Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora da Rede Pública de Ensino Fundamental e Médio no Município de Palhoça – Santa Catarina.

Endereço eletrônico: nienchoter@yahoo.com.br.

2 Doutora em Educação. Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação - Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED/UDESC). Telefone institucional: (48)3321-8528.

Endereço eletrônico: <f9giza@gmail.com>.

Este estudo tem como objetivo compreender e problematizar a contribuição da EJA nas trajetórias de escolarização de seus egressos/as, bem como, refletir sobre a presença dos mediadores sociais em suas trajetórias sócio-escolares. A Educação de Jovens e Adultos está inserida no contexto da Educação Básica, destinada a pessoas que não tenham conseguido estudar em idade considerada própria. Seu reconhecimento foi gradual, vindo a consolidar-se como um direito de fato com a Constituição Federal de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 (LDB 9.394/96).

Reconhecidos os avanços e sua efetiva legitimação, a EJA ainda é permeada por estigmas, preconceitos, nem sempre se configurando como uma educação de qualidade, permanecendo à margem dos processos de escolarização. O contexto desta pesquisa começa em 2003, quando da publicação pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Programa Brasil Alfabetizado³ estendido a Estados e Municípios. Palhoça (SC) inseria-se nesse contexto, iniciando seus trabalhos na EJA para o Ensino Fundamental e Médio.

Por meio de narrativas obtidas em uma entrevista semiestruturada, concedida por um aluno egresso do Ensino Médio participante da modalidade de EJA oferecida em uma escola pública no município de Palhoça (SC), foi construído um perfil sociológico. Neste sentido buscou-se refletir sobre como a EJA pode repercutir nas trajetórias socioescolares.

Ressalta-se a relevância, a presença ou ausência dos mediadores sociais na vida deste egresso, identificando possíveis motivos pelos quais sujeitos abandonam ou retomam seus estudos e vivem sua escolaridade. Por meio da construção deste perfil procura-se observar como cada sujeito consegue lidar com suas experiências de socialização e transformá-las em novas ações e oportunidades, assim como descobrir os parâmetros sociais utilizados para contrabalancear suas escolhas, suas trajetórias.

Do ponto de vista metodológico, o perfil em questão foi elaborado por meio das narrativas/relatos de vida de um egresso de uma turma de Ensino Médio da modalidade de EJA, do ano de 2007. Foram realizadas entrevistas gravadas com quatro mulheres e um homem, com idade entre 20 e 50 anos, dentre os quais, o perfil de José. O roteiro para entrevista foi estruturado em dois momentos: no primeiro, foram colhidas informações sobre as lembranças de escolarização na infância e a configuração familiar dos egressos/as; no segundo foi reservado às

3 Programa do Governo Federal, criado em 2003, tem como finalidade capacitar alfabetizadores e alfabetizar cidadãos com 15 anos ou mais que não tiveram oportunidade ou foram excluídos da escola antes de aprender a ler e escrever (RUMBERT; VENTURA, 2007, p. 34).

trajetórias de escolarização na EJA. Em relação ao universo de socialização do egresso, as entrevistas contemplaram basicamente o campo profissional, familiar e escolar (infância e participação na EJA).

A perspectiva teórica de maior monta e que produziu o escopo deste trabalho se fundamenta nas análises de Bernard Lahire, as quais contemplam experiências de socialização dos sujeitos e suas implicações nas trajetórias de escolarização. Estas experiências podem ser entendidas como mediadores sociais que, articulados em determinados contextos permitem relativizar o discurso da falta, o sucesso ou o fracasso escolar entre as classes populares.

Na perspectiva de Lahire, a presença, a ausência e a relevância desses mediadores na vida de alunos/as egressos/as da EJA podem identificar os motivos do abandono da escola ou o retorno a ela. Na presente abordagem considera-se a possibilidade de os sujeitos não ocuparem, na sociedade, um lugar necessariamente definido por sua condição de classe. Como contraponto teórico, utilizam-se, no limite do possível, os pressupostos de Pierre Bourdieu e sua assertiva em relação à escola como um espaço capaz de contribuir para as desigualdades sociais.

Bernard Lahire, nascido em 1963, é professor de sociologia na École Normale Supérieure de Lyon. Inscreve-se na tradição sociológica de Pierre Bourdieu. Suas primeiras investigações na área da sociologia da educação datam do início dos anos 1990. A obra, *O Homem Plural* (1998), em especial, sistematiza a sua crítica ao conceito de *habitus* e apresenta o que nomina hoje de Sociologia em escala individual. Nesta perspectiva, os mesmos sujeitos são acompanhados em diferentes contextos de ação, em que são examinadas lógicas variáveis, por vezes contraditórias, das suas práticas (AMÂNDIO, 2012, p. 195).

Em sua obra *o Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável* (2004), o autor destaca a importância dos mediadores sociais nas configurações familiares e como estes se combinam, de forma que determinados sujeitos, mesmo inseridos em contextos marcados pelas desigualdades sociais obtenham relativo sucesso escolar em suas trajetórias. Por meio da análise de perfis sociológicos, a descrição das configurações familiares se apoia nos temas: formas familiares de cultura escrita; condições e disposições econômicas; ordem moral doméstica; formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico (LAHIRE, 2005). Com este estudo, o autor permite relativizar o lugar ocupado pela escola no cotidiano e nas práticas sociais dos indivíduos, ou seja, em seu contexto de socialização.

No seu estudo, operacionaliza conceitos bourdieusianos, tais como: o capital cultural, capital escolar, capital social e capital econômico, com os quais busca compreender por que determinados sujeitos, mesmo inseridos em contextos marcados por desigualdades sociais, obtêm relativo sucesso escolar em suas trajetórias escolares. Relativizando o conceito de *habitus*, os indivíduos não se

orientariam necessariamente conforme sua posição de classe ou de acordo com o *habitus* do seu grupo social. Desse modo, e segundo Nogueira (2004), Lahire questiona o sucesso escolar enquanto associado ao acúmulo de capital herdado; os sujeitos não herdam regras fixas, mas disposições flexíveis, um *habitus* que seria adaptado a cada nova situação de ação.

Já, em Bourdieu, o *habitus* seria o mediador entre a estrutura das posições objetivas, a objetividade dos indivíduos e as situações concretas de ação. Nesse sentido, o sujeito é antes de tudo um representante de uma dada posição social e age de acordo com o *habitus* do seu grupo social. Seu comportamento, suas escolhas seriam definidos em função da posição social de origem. O modo como um sujeito realiza suas escolhas, suas crenças, seus valores, seriam reflexo de sua posição social (NOGUEIRA, 2004).

Não obstante, um debate importante e que ganhou peso condensando-se numa crítica à escola dentro do sistema capitalista é sobre o seu caráter reprodutivista (BOURDIEU; PASSERON, 1975). Tal postura da escola criava uma situação de contradição indissolúvel, mostrando-se reprodutora do sistema capitalista, produzindo mais excluídos. No entanto, se a escola contribui para a reprodução das desigualdades sociais, como seria possível promover a inclusão?

Apesar de Bourdieu ter se dedicado às reflexões sobre as desigualdades sociais produzidas no sistema escolar francês, recorre-se às suas contribuições teóricas, por compreender que sua abordagem questiona o caráter inclusivo das instituições escolares. Um dos conceitos essenciais desenvolvidos na perspectiva deste autor, problematizando a escola enquanto um possível espaço de reprodução das desigualdades sociais refere-se ao capital cultural, que na sua abordagem pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo. Pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação, custa tempo e deve ser investido pessoalmente pelo investidor. No estado objetivado, o capital cultural apresenta-se sob a forma de suportes materiais (quadros, livros, pinturas, instrumentos) e no estado institucionalizado sob a forma da certificação escolar, títulos ou diplomas (BOURDIEU, 2007).

Almeida (2007) lembra que a noção de capital cultural é útil para pensar o Brasil desde que se reconheça que nele, a educação está, historicamente, vinculada à existência de uma forte segregação de base econômica. Em consonância, Nogueira e Nogueira (2009) afirmam que os estudos de Bourdieu não contemplaram especificamente os temas relacionados à emancipação escolar nas classes populares, no entanto, ampliam o debate acerca do acesso à escolarização e a democratização do ensino no Brasil. A educação perde o papel que fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e, passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais.

A abordagem de Bernard Lahire, mesmo operacionalizando os conceitos bourdieusianos, indica outras perspectivas. Por meio dos mediadores sociais ou das formas de socialização do sujeito, o autor considera que é possível compreender como se dá a transmissão do *habitus* coletivo ao indivíduo. Desse modo, pode-se observar por que os mesmos processos de socialização podem promover efeitos diferenciados em cada indivíduo. No dizer de Nogueira (2004), Lahire propõe pelo menos dois eixos de investigação: o primeiro refere-se aos processos de socialização, vividos pelos sujeitos ao longo do tempo em diferentes esferas da vida social (família, escola, grupo de pares), o segundo se refere às ações dos indivíduos em diferentes contextos sociais.

Diferente de uma tradição sociológica fundada unicamente na relação entre a posição de classe e os resultados escolares, os estudos acerca das trajetórias desenvolvidos por Lahire apoiam-se em um conjunto de situações e explicações possíveis e distintas daquelas. Além das variáveis clássicas da sociologia (renda, ocupação e escolaridade dos pais), o interesse volta-se a outros elementos constitutivos dessas trajetórias (as práticas dos pais e dos filhos no processo de escolarização) (ZAGO, 2006). Neste sentido, o sucesso ou o fracasso escolar pode ser analisado considerando as interações, as mediações entre os pares, ou seja, neste caso, faz-se necessário observar na configuração social familiar como se dá a circulação dos saberes no âmbito destas relações.

Nesta perspectiva, esta pesquisa é inovadora por pensar e problematizar a educação no contexto da EJA em Palhoça (SC), um dos municípios da grande Florianópolis com o maior número de alunos/as matriculados nesta modalidade de ensino e onde, cada vez mais cedo, se observa a presença de jovens num processo de migração da rede regular de ensino para esta modalidade⁴. Além disso, apresenta elementos para a reflexão do Ensino Médio promovido na EJA.

“O Social Individualizado” – A Abordagem Teórica de Bernard Lahire

Observa-se que o acesso de muitos sujeitos das classes populares à escola tem se realizado em um cenário cheio de percalços e suas trajetórias escolares são notoriamente marcadas por interrupções nos estudos, normalmente para cumprirem suas demandas econômicas. Esta questão, somada a outras intrínsecas aos processos educativos, tem levado então à exclusão de muitos jovens e adultos da escola regular.

4 Informações concedidas pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos de São José: em 2011, o número de alunos/as inscritos para o Ensino Médio em Palhoça (SC) era de aproximadamente 659 alunos.

Desse modo, com base na metodologia utilizada por Bernard Lahire, buscou-se compreender como a EJA repercutiu nas trajetórias sociais de seus egressos/as.

Para Lahire (2004), o trabalho com os perfis permite considerar alguns elementos nas trajetórias escolares nem sempre observáveis sem um minucioso trabalho de pesquisa, exige atenção às configurações de socialização dos sujeitos de forma investigativa e relacional. Discorrer sobre as trajetórias sociais de egressos/as por meio de perfis sociológicos, problematiza a importância dos mediadores sociais em suas vidas, permitindo dar visibilidade a esses sujeitos por meio de suas experiências compartilhadas, suas narrativas, suas histórias de vida. Neste contexto, serão operacionalizados e problematizados conceitos utilizados por Bernard Lahire para compreender a importância dos mediadores sociais nas trajetórias de escolarização e as contribuições da EJA nestes, bem como a função social da escola enquanto uma instituição capaz de promover o acesso e a democratização do ensino.

Motivados por inúmeras questões, dentre elas as exigências capitalistas do mercado de trabalho, o retorno desses sujeitos à escola tem sido por meio de outra modalidade de ensino: a Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, este trabalho problematiza por meio do referencial teórico de Bernard Lahire, a trajetória socioescolar de um ex-aluno, egresso da Educação de Jovens e Adultos, observando como suas experiências foram compartilhadas com os estudos na EJA, bem como que posição o estudar e a escola ocuparam em sua vida. Esta análise será realizada pelo que o autor chama de *perfil sociológico*. Nesse sentido, o sucesso ou o fracasso escolar pode ser analisado considerando as interações, as mediações entre os pares. É necessário observar na configuração social familiar, por exemplo, como se dá a circulação dos saberes ou mais especificamente dos capitais. O perfil sociológico abordado neste estudo possibilitou verificar como o capital cultural familiar, por exemplo, foi colocado à disposição de um dos integrantes da família, de forma que contribuisse para sua permanência na escola. A contribuição da esposa e filhas na trajetória escolar do marido (José), por exemplo, reside no que Lahire (2004) compreende por um sistema de auxílio mútuo familiar ou solidariedade familiar. Os mediadores sociais (as ações da mãe e das filhas, neste caso) podem ser analisados como uma forma de investimento pedagógico.

A análise microssocial proposta por Bernard Lahire (2004) permite problematizar a contribuição da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nas trajetórias sociais de seus egressos/as, ainda que estudar não tenha se constituído em um projeto de escolarização nas vidas daqueles sujeitos. Por meio do perfil obtido, das narrações e das experiências de socialização do egresso pesquisado, se traçará observações sobre os mediadores sociais configurados como elementos essenciais em suas trajetórias, colaborando ora para sua presença, ora para sua ausência na vida escolar.

Os mediadores sociais possibilitam uma organização, aspiração, planejamento, viabilidade entre uma objetivação mais racionalizada dos limites do provável e do improvável relativo à posição de classe que se ocupa (LAHIRE, 2004). Evidentemente, a escola é um mediador social, mais ou menos, democrático. Socialmente e até historicamente se acredita que esta instituição pode emancipar os sujeitos. Já se demonstrou aqui, que há muitas intermitências de diversas esferas, tais como a econômica, a política, a cultural, que complexificam a efetividade desse *papel social da escola*.

Considerando a configuração social de perfis distintos, entendidos aqui como “[...] um conjunto dos elos que constituem uma ‘parte’ (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana.” (LAHIRE, 2004, p. 39-40), foi possível também relativizar a importância da variável: capital econômico. Apesar de seu poder limitador na escolarização das classes populares, ele não foi necessariamente determinante na concretização da escolaridade dos egressos/as. O perfil de José exemplifica esta observação, revelando em certa medida, as estratégias que os sujeitos podem utilizar para vencer situações adversas, especialmente, em nível econômico.

Outro fator importante analisado relaciona-se a ausência de um projeto de escolarização a longo ou curto prazo. Mesmo que em alguns casos a escola tenha ficado em segundo plano, a aquisição de capital cultural revela-se uma preocupação extensiva aos filhos, diretamente ligado ao investimento pedagógico. Para Lahire (2004), este investimento se dá por meio da coincidência de esforços tanto da escola como da família nos processos de socialização como constituinte do sucesso escolar dos sujeitos. Em tese, uma *boa escola* e uma *boa família* não só permitem o êxito como também o corroboram, como se verificou também no perfil de José.

Ressalta-se que o propósito de considerar os mediadores sociais e o investimento pedagógico não concorre para um modelo de educação em que o mérito escolar deve ser de exclusiva responsabilidade do sujeito, ao contrário, permite localizar não somente uma causa de afastamento da escola, mas uma combinação de causas que podem concorrer para o abandono por completo de sua escolarização. Desse modo, a abordagem de Lahire (2004) põe em xeque a invenção de modelos pedagógicos salvadores da educação, que ora responsabilizam somente a escola pelo fracasso ou o sucesso escolar, ora somente o sujeito, limitando a importância da origem ou do meio social do sujeito para compreender sua trajetória de escolarização.

Neste sentido, a metodologia utilizada por Lahire permite ao pesquisador certa lucidez nas análises por valorizar os pequenos detalhes, tornando sua abordagem bastante apropriada à compreensão de quais fatores, elementos, características, permeiam trajetórias de egressos/as da EJA, marcadas por tantas particularidades. Desse modo, a construção de perfis sociológicos permite considerar, portanto,

alguns elementos nas trajetórias escolares que por ora passam despercebidos e nem sempre são observáveis sem um trabalho de pesquisa minucioso; exige foco e atenção nas configurações de socialização dos sujeitos de forma investigativa e relacional.

No perfil em questão verificou-se que a escola foi apresentada como um elemento capaz de amenizar as desigualdades sociais, tendo uma função prática (aplicação imediata no trabalho, profissionalização, ações diárias). Cabe ressaltar, porém, que esta mesma escola também configurou um espaço que contribui para a apreensão de saberes. Além de uma preocupação objetiva, também é vista como um espaço que pode converter em saber um capital dito não escolar. Esta questão relativiza a ideia de que os sujeitos das classes populares procuram a escola somente para satisfazer suas necessidades imediatas, sem planos para o futuro. Problematizam ainda suas experiências sobre o sucesso e o fracasso escolar: todos relacionaram o sucesso não somente à obtenção de um diploma (capital institucionalizado), mas à apreensão de saberes, que podem, inclusive, ser estendidos aos seus filhos. Na ausência de capital cultural/econômico/social, transmitem-se aos familiares outros saberes, experiências, enfim, um capital não escolar, como já se argumentou.

O trabalho, a sobrevivência, a preocupação com a família competem, sem dúvida, com os estudos, mas esses elementos não limitam a persistência do aprendizado escolar. O sucesso escolar é definido também em função da conquista, da concretização de objetivos e metas, contrariando a ideia de que os sujeitos das classes populares não fazem planos (escolares) de longo prazo. A questão é que a escola, o estudar, é mais um item nas suas agendas, concorrendo com tantos outros também considerados importantes em suas vidas. Desse modo, o capital não escolar que os sujeitos das classes populares possuem deve ser contrabalanceado com o capital cultural que a escola e a sociedade julgam legítimo; talvez, assim, se produza menos exclusão.

Uma Forma de Solidariedade Familiar – O Perfil de José da Silva

José da Silva nasceu em 1968, em Florianópolis (SC), vindo a morar com sua família, quando ainda criança, na comunidade da Guarda do Cubatão, bairro de classe popular localizado no município de Palhoça (SC). É casado e tem duas filhas. Integrante de uma família de 8 irmãos, com a voz embargada relembrou sua infância e o tempo de escola:

A gente sempre estudou no outro lado do rio [na Guarda do Cubatão], na escola Daniel Carlos Weingartener. Começamos ali na época com muita dificuldade; sobre o

vestir, a gente ia pra aula descalço. Fiz até a quarta série nesta escola, mas aos trancos e barrancos, porque naquela época não tinha alimentação, lanche, merenda. Fomos aprendendo com a vida. Depois a gente veio a estudar no bairro Aririu,⁵ no Colégio Estadual João Silveira. Nessa escola eu fiz o Ensino Fundamental e depois até o segundo ano do Ensino Médio, quando parei.

Ele recorda que seus pais sabiam ler e escrever, mas cursaram apenas o ensino primário. Seu pai exercia a profissão de pedreiro e sua mãe, além de atuar na gestão das tarefas domésticas, trabalhou em uma fábrica de bordados localizada na grande Florianópolis. Devido ao reduzido capital escolar dos pais, argumenta que não era possível contribuírem na dinâmica família-escola, mais especificamente nas tarefas escolares acompanhando de perto o desempenho dos 8 filhos, 5 homens e 3 mulheres.

José afirma que seu irmão mais velho foi o único que obteve uma trajetória escolar de êxito: “Ele foi o primeiro a ir pra aula e tinha mais interesse. O resto foi aos trancos e barrancos. Meu irmão se deu bem no estudo porque tinha mais capacidade para aprender, mais vontade de ir à luta, e nós não, era mais bagunça, não dava valor pra aquilo que tinha e hoje a gente se arrepende”. Lahire (2004, p. 26), fornece algumas pistas por meio das quais se poderia investigar e quem sabe justificar o fato do primogênito apresentar uma trajetória escolar mais exitosa:

A intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos, dentre eles a regularidade nas atividades, dos horários, as regras de vida estrita e recorrentes; as ordenações ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de por em ordem, gerir e organizar os pensamentos. (LAHIRE, 2004, p. 26).

Por ocupar a posição de primogênito, talvez seja possível intuir que a ordem moral doméstica (ter um bom comportamento diante da família ou da escola, por exemplo) possa ter contribuído de forma significativa em sua trajetória de escolarização exitosa. De acordo com Lahire (2004), nas famílias onde os pais não conseguem ajudar os filhos do ponto de vista escolar, estes tentam inculcar-lhes a

5 Bairro vizinho à Guarda do Cubatão.

capacidade de submeter-se à autoridade escolar especialmente, comportando-se corretamente, aceitando fazer o que lhes é pedido, ou seja, serem relativamente dóceis, prestando atenção e não brincando.

Quando pergunto sobre a interrupção dos estudos, José relata que em 1985 seu pai faleceu e nesta época ele o auxiliava nas atividades como pedreiro. Nesse mesmo período, seu irmão mais velho ficou desempregado acarretando maiores dificuldades: “Eu trabalhava direto, saia cedo, chegava em casa cansado, não tinha mais ânimo e ainda tinha que dar apoio à família, porque éramos em 8 irmãos e uma mãe”. Observa-se que as condições apresentadas no contexto familiar não eram favoráveis aos seus estudos, especialmente do ponto de vista das disposições e condições econômicas. Parece incidir ainda certa imposição relacionada à gestão familiar, ou seja, além de trabalhar, lhe caberia a tarefa de suprir as lacunas que outrora eram de responsabilidade de seu pai. A esse respeito infere Zago (2000, p. 26):

A instabilidade e a precariedade nas condições de vida têm um peso importante sobre os percursos e as formas de investimento escolar. A mobilização familiar é voltada, em primeiro lugar, para a sobrevivência, e graças ao rendimento coletivo do grupo, decorrente do trabalho de seus integrantes, que este tenta segurar suas necessidades básicas.

Em 1990, José casou-se e, como relata: “tudo fica mais difícil, adquirimos novas responsabilidades. Viajava, ficava direto na carreta”, referindo-se ao seu trabalho como caminhoneiro por 2 anos. Além desta ocupação dedicou-se profissionalmente como motorista de ônibus coletivo por 10 anos. Relata ainda que, quando seu pai faleceu, seu irmão mais velho queria abrir uma empresa para que seus outros irmãos pudessem trabalhar juntos. Investiram em uma granja, mas por conta da recessão no Governo Collor na década de 1990, o negócio degingolou. Posteriormente seu irmão investiu em uma fábrica de perfumes, no entanto, alguns desafetos com o sócio, atrapalharam o negócio. A empresa finalmente deslanchou quando seu irmão conheceu um químico paulista aposentado que estava de passagem por Florianópolis, tendo auxiliado em uma formulação muito inicial de alguns produtos (cremes relaxantes, shampoo etc.).

José relata ter contribuído financeiramente com o crescimento da empresa: “na época eu tinha uma moto e vendi para ajudar no negócio” e ilustra ter iniciado no cargo de auxiliar de vendas e a conclusão de seus estudos ficou em segundo plano. Com a empresa já em funcionamento, futuramente, seu irmão graduou-se em Administração pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL e atualmente é o Diretor proprietário de uma fábrica bem sucedida de produtos de

beleza localizada na grande Florianópolis, na qual também trabalham cinco de seus outros irmãos, os quais cursaram apenas o Ensino Fundamental.

José retornou aos estudos e à escola para concluir o Ensino Médio somente em 2006, quando ingressou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Com sua vida já estabilizada no campo profissional (trabalho rentável financeiramente e boa qualidade de vida), relata que seu ingresso na EJA foi motivado pelo interesse em graduar-se futuramente no curso de Administração. As falas de José sobre seu retorno aos estudos se mostraram bastante contraditórias e, apesar de afirmar que a obtenção de capital institucionalizado seja essencial no modelo de sociedade em que vivemos, afirma que seu diploma obtido na EJA não fez diferença em sua função ocupada na empresa, o que reforça a relativa importância do capital social familiar em sua trajetória. Em sua ocupação profissional, José desempenha atividades no setor de logística, além de viajar organizando feiras para marketing de produtos; é um trabalho com um foco bastante operacional.

Quando perguntado se as condições econômicas favorecem a permanência dos indivíduos na escola, responde: “Influencia, porque eles acabam tendo mais chance. Hoje as empresas estão contratando as pessoas com mais estudo; daqui pra frente se não tiver estudo, vai ficar cada vez mais difícil”. Observa-se que José usa a palavra *eles*, não se referindo necessariamente a ele mesmo; com relativa estabilidade no trabalho, reafirma que o diploma obtido na EJA não fez diferença em sua vida profissional, problematizando outra vez o relativo valor atribuído ao capital social e econômico em nossa sociedade.

Quando solicitado a falar sobre de que forma o Ensino Médio cursado na EJA teria contribuído em sua vida, José argumenta:

Pra mim ajudou muito na leitura de livros, revistas, jornais. Hoje eu consigo ter uma visão melhor, até pra ajudar os colegas dentro da empresa. Apareceram novas ideias, porque antes de estudar a gente era meio parado, tinha ideias, mas não compartilhava ou tinha medo; a gente consegue abrir um leque, ter mais visão pra coisa; a convivência com os colegas em sala, o rir, o brincar, o trabalho em grupo ajudou muito, isso ajuda a gente a se abrir com as pessoas.

É interessante observar na fala de José o lugar reservado à escola e a própria função do Ensino Médio. Observa-se que a instituição escolar cumpriu uma função do ponto de vista das práticas socializadoras e não necessariamente do ponto de vista curricular, calcado no capital cultural legitimado pelas classes dominantes. Este contexto permite relativizar que, a contar apenas com seu certificado obtido na EJA e na ausência de seu capital social, José teria uma mobilidade social reduzida.

Durante a entrevista José preocupou-se em demonstrar que seu investimento escolar não estava focado necessariamente em si mesmo, mas à sua família, na forma de garantir um capital escolar objetivado. Suas filhas desenharam trajetórias promissoras nos estudos: a mais velha graduou-se em Administração em uma instituição de ensino superior privada e a mais nova cursa o Ensino Médio no Colégio Catarinense em Florianópolis, por meio da concessão de uma bolsa de estudos. Sua esposa concluiu apenas o Ensino Fundamental e, apesar de trabalhar durante um tempo de forma assalariada em algumas empresas, optou por dedicar-se à família, o que na perspectiva de Lahire (2004) pode consistir em uma forma de investimento pedagógico, ou seja, a mãe apesar de não dispor de um grau elevado de capital cultural, possivelmente dispõe de certo grau de racionalidade doméstica, além de certa vigilância nas atividades escolares das filhas. O relativo capital econômico de José permite que sua esposa se dedique às filhas e não tenha que contribuir necessariamente com a renda familiar: “minha esposa preferiu não trabalhar e dedicar tempo e carinho às nossas filhas”.

Ao final da entrevista, solicito que relate sobre a sua experiência na EJA: “Voltei a estudar com muito medo. Minha esposa e minhas filhas me incentivaram. Elas brincavam comigo: o pai tá fazendo faculdade e me ajudavam nos trabalhos escolares”. Observa-se aqui uma inversão de papéis no que diz respeito à vigilância escolar, agora dos filhos para com os pais e não o contrário. Há indícios, neste caso, de que uma configuração familiar baseada no afeto e na cumplicidade contribuiu para que José retomasse seus estudos; suas ações são reações que se apoiam relacionalmente entre os pares.

No dizer de Lahire (2004), desde a sua infância os sujeitos não reproduzem necessariamente as formas de agir de suas famílias, mas encontram sua própria modalidade de comportamento em função dos mediadores sociais, das práticas socializadoras estabelecidas por meio de suas experiências. As fragilidades que permearam a infância e parte de sua adolescência e vida adulta, dita por ele mesmo como uma educação “aos trancos e barrancos” não foi necessariamente transmitida às trajetórias escolares das filhas. Cabe ressaltar que na modalidade de EJA, essa ordem familiar com mediadores sociais implícitos, nem sempre é observada, o que contribui para que jovens e adultos desistam de estudar e levem consigo o estigma do fracasso escolar. A ausência da escola em uma parte da vida de José foi retomada bem mais tarde por meio do seu retorno aos estudos, auxiliado pelo que Lahire (2004) chama de solidariedade familiar, ou seja, uma mobilização coletiva da sua configuração familiar que permitiu a ele, a aquisição, mesmo que humilde, de um relativo capital escolar.

O patrimônio de disposições dos indivíduos, na perspectiva de Lahire, permite problematizar a forma homogênea como a escola tem lidado com os sujeitos atendidos na Educação de Jovens e Adultos. Em sua maioria, os alunos

dessa modalidade de ensino são analisados somente do ponto de vista de poucas variáveis, tais como a origem social e os resultados escolares. No entanto, por meio de uma análise microssocial é possível identificar também outra dinâmica, que coloca o sujeito das classes populares em uma posição de ação, um sujeito que não está desmobilizado e que encontra estratégias para dialogar com os mais diversos processos de exclusão.

Algumas Considerações Finais

A marginalização escolar está, sem dúvida, associada também às desigualdades sociais, embora isto não deva ser entendido pelas instituições escolares como motivo para qualificar o desempenho dos sujeitos. Observa-se que outras referências concretas, outros mediadores sociais têm igual importância e podem fazer a diferença nas trajetórias de escolarização: a narrativa de vida apresentada, se por um lado, evidencia fragilidades de toda ordem, também mostra, por outro, que os sujeitos da EJA se mobilizam, constroem, rearranjam, por meio de muitas combinações, formas de resistir, superar e produzir saberes, questionando a máxima do improvável entre as camadas populares.

Desse modo, o estudo com as trajetórias também permite refletir sobre eficácia dos projetos de democratização escolar, ou duvidar deles. Foi possível observar que, mesmo entre as classes populares, o capital social e simbólico pode fazer a diferença. Na trajetória de José, apesar de sua pouca escolaridade, a vida profissional ao lado de seu irmão (dono da empresa onde trabalha), lhe concedeu relativo capital econômico e simbólico (afinal ele é irmão do dono). Neste caso, o capital institucionalizado adquirido na EJA, além de proporcionar a apreensão de saberes úteis ao seu cotidiano (leitura, escrita, melhor oralidade), diminuiu simbolicamente o contraste entre sua escolaridade e a posição social ocupada na empresa. Sua configuração familiar (com relativo acúmulo de capital escolar) também contribuiu para isso; a solidariedade familiar impediu que abandonasse novamente a escola.

José apresentou em sua narrativa condições econômicas objetivas mais favoráveis à continuidade de sua escolaridade, entretanto isso não se configura conjuntamente, haja vista a natureza logística de seu trabalho, permitindo-nos perceber que a escola se compõe como um espaço repleto de complexidade e paradoxos, ou seja, o lugar que ocupa na vida de cada um é bastante singular. Para José, a escola é uma aposta no futuro das filhas e o trabalho é sua prioridade, pois, com ele acredita poder proporcionar à sua família e a si mesmo um relativo capital econômico e uma mais tranquila fruição da vida.

Esta pesquisa priorizando a análise de perfis sociológicos na perspectiva de Lahire permitiu identificar como os sujeitos da EJA conseguem fazer seus investimentos escolares, relativizando a visão ou estereótipo sobre eles – vítimas passivas, que aprendem devagar –, com ênfase na dificuldade, na falta. Todavia, observa-se que, historicamente, o saber e a aprendizagem, apesar de potencializados, são concebidos na EJA como recursos destinados a pobres. O ensinar a ler, escrever, contar, socializar, revela, em certa medida, pouca complexidade, um saber útil, necessário ao sujeito no cotidiano, um saber não necessariamente intelectual, evidenciando, de certa forma, os estigmas historicamente construídos na EJA.

Neste sentido, a pesquisa revelou algumas demandas: olhar além das aparências e rever a ideia de que estes sujeitos precisam se ajustar à escola para aprender; desconstruir o discurso da pobreza atribuído à EJA, rompendo com a lógica da exclusão que permeia sua identidade e verificando que não são somente condições de pobreza que definem o destino das trajetórias escolares. Neste sentido, a presença de capitais não escolares pode potencializar suas trajetórias de escolarização, bem como o sucesso escolar entre as classes populares.

Essa perspectiva nos compele a refletir sobre o juízo professoral, sobre como nós professores/as avaliamos e julgamos os alunos/as no contexto escolar, principalmente sobre a importância que atribuímos à origem social e suas implicações sobre o sucesso ou fracasso escolar entre as classes populares. Notoriamente, os jovens e adultos têm muito a nos ensinar, mais do que informação, opinião, são providos de saberes que a escola não valoriza. No entanto, as agendas governamentais insistem em enquadrar esses coletivos nos moldes escolares do ensino regular, reproduzindo o fracasso escolar. Esse modelo de EJA ainda impõe aos sujeitos certa rotina e disciplina, elementos do sistema regular de ensino que já falhou noutro momento em suas trajetórias. Assim, esse público se vê em contradição entre essa escola regradada e suas experiências de socialização cotidiana, mais dinâmicas e fluidas.

Por fim, é preciso entender a EJA como uma modalidade de ensino que apresenta muitas falhas, não por conta dos sujeitos que dela participam, mas pela falta de seriedade com que tem sido tratada pelo poder público. Nesta pesquisa, não foram aprofundadas inúmeras questões, por fatores culturais, logísticos e, sobretudo, materiais. Todavia, tive muito prazer em realizá-la. Foi uma pesquisa muito positiva e instigante. Os mediadores sociais também se revelaram de grande importância em minha própria trajetória como aluna/professora/pesquisadora. Como mediadores entendo: um aluno, um professor, um amigo, um amor, a família, a escola, a religião, enfim, algo ou alguém com que ou com quem vivemos, experimentamos, produzimos saberes, percorremos nossa trajetória.

Referências

- ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). **Sociologia da Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- AMÂNDIO, Sophia. Entrevista com Bernard Lahire: do homem plural ao mundo plural. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. XLVII, 1, n. 202, p. 195-208. 2012.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- _____. LDB. Lei 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**. Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- _____. **Sucesso Escolar nos meios populares**. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 2004.
- NOGUEIRA, Cláudio M.M. **Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares**: o processo de escolha do curso superior. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. 2004.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. M. **Bourdieu & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RUMMERT, Maria Sonia; VENTURA, Jaqueline Pereira. Políticas Públicas para a educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade – considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. **Revista Educar**, Curitiba, n. 29, 2007. p. 29-45. UFPR.
- SILVA, José da. Entrevista concedida à Rosane Nienchoter. Palhoça (SC). Gravação em CD, acervo particular da autora. Jun. 2011.
- ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares. As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI,

Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). **Família e Escola**. Trajetórias de Escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, mai./ago. 2006.

Recebimento em: 12/09/2012.

Aceite em: 20/11/2012.